SINTTEL·ES

Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Telecomunicações e Operadoras de Mesas Telefônicas no Estado do Espírito Santo

FENATTEL CUT Brasil

Resumo de Notícias

Produção: T&T Comunicação | Jornalistas: Tânia Trento e Marilda Rocha | Tel. (27) 3084-5666 - 99647-7731

02/08/2015 - Instituto Telecom

Oi já oferece banda larga em VDSL

A Oi já começou a oferecer a conexão de banda larga fixa em VDSL, anunciada em agosto. Segundo informou a este noticiário o presidente da operadora, Bayard Gontijo, a oferta das velocidades de 20 Mbps, 25 Mbps e 35 Mbps será conservadora: apesar de usar parte da infraestrutura de cobre, ele acredita que seria possível entregar mais. "Poderíamos até lançar com mais velocidade, mas estamos com oferta mais baixa para garantir (qualidade) ao consumidor", disse ele. O novo produto ainda não teve os valores divulgados.

Segundo apurou este noticiário com fontes próximas à Oi, a oferta do VDSL está espalhada nas capitais, e não apenas concentrada no Rio de Janeiro, onde fica a sede da empresa. A cobertura ainda é inicial e bastante limitada em relação à base total, mas a atualização da rede, em vários casos, é possível apenas com upgrade de software. "Não é algo que está sendo feito agora, o investimento já tem sido feito há algum tempo", disse a fonte.

02/09/2015 - Convergência Digital

Oi diz que consolidação acontecerá no mercado de telecom no Brasil

A consolidação acontecerá no mercado brasileiro, atesta o presidente da Oi, Bayard Gontijo, em entrevista concedida à CDTV, durante o 59º Painel Telebrasil, realizado em Brasília. No entanto, o executivo cobra - para que se tenha investidores interessados em investir no Brasil -a revisão imediata do modelo de concessão, previsto para 2025. "O investidor quer estabilidade, respeito às regras e previsibilidade. A revisão do modelo de concessão de forma urgente nos trará essa segurança regulatória para motivar os interessados", destacou Gontijo.

Durante o Painel Telebrasil, o presidente da Oi revelou que já levou à Anatel e ao Ministério das Comunicações, a proposta da operadora para acelerar a revisão dos contratos de concessão e a revisão das obrigações impostas às concessionárias. Uma delas é a obrigação dos TUPs, os orelhões. Segundo o executivo, os custos para manter esses orelhões são de R$ 300 milhões a R$ 400 milhões anuais, enquanto a receita é de R$ 17 milhões. "Os custos equivalem a colocar 800 mil portas de ADSL ou banda larga por ano que deixamos de fazer", afirmou.

A convivência com os OTTs- que tem sido emblemática no mercado nacional - não o assusta, na prática, Gontijo defende a desregulamentação das operadoras. "As OTTs são uma realidade, são um desejo do consumidor e elas vão estar no mercado", disse Gontijo. Mas o presidente da Oi argumenta que se as OTTs prestam serviços iguais, elas também têm de cumprir as mesmas regras".

A crise econômica preocupa, especialmente, porque a Oi atende as classes C, D e E. Mas não deixa a operadora mais vulnerável do que as rivais. "É óbvio que se a crise aprofundar, o consumidor terá de fazer uma escolha. Hoje Telecom é um setor defensivo, quase essencial ao cidadão. Ele não fica mais sem internet, sem voz. Mas sabemos que se a crise aumentar podemos ter problemas de atraso, mas isso será igual para todos".

O presidente da Oi também falou sobre o fim da desoneração dos smartphones. "Prevemos um retrocesso no consumo de dados". Gontijo falou também sobre a aprovação e o impacto da reorganização societária da Oi, aprovada em Assembleia de acionistas. A entrevista foi concedida nesta terça-feira, 01/09. Assistam aqui.

SINTTEL·ES

Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Telecomunicações e Operadoras de Mesas Telefônicas no Estado do Espírito Santo

FENATTEL CUT Brasil

Resumo de Notícias

Produção: T&T Comunicação | Jornalistas: Tânia Trento e Marilda Rocha | Tel. (27) 3084-5666 - 99647-7731

02/09/2015 - Instituto Telecom

Setor de telecom defende redução de tributos e revisão do modelo regulatório

Representantes do setor de telecomunicações defenderam nesta terça-feira, 01, durante as discussões do 59º Painel Telebrasil, a redução da carga tributária incidente sobre o setor de telecomunicações e a revisão do modelo regulatório, com o objetivo de garantir uma competição justa e saudável.

No primeiro Painel, que abordou "O modelo tributário e o impacto para empresas e usuários", o presidente da Associação Brasileira de Telecomunicações (Telebrasil), Luiz Alexandre Garcia, falou da importância da utilização dos fundos setoriais para incentivar a expansão da infraestrutura para regiões carentes e desenvolvimento da indústria.

Garcia lembrou que, desde 2001, o setor de telecomunicações já recolheu R$ 84 bilhões para os fundos setoriais – Fust, Fistel e Funttel – e que apenas 7% desse total foram utilizados. "Se não conseguimos utilizar os recursos nas funções para as quais foram criados, deveríamos reduzir a contribuição dos fundos", afirmou ele, acrescentando que isso reduziria por consequência o valor a ser pago pelos serviços, estimulando o consumo.

O presidente da Telebrasil ressaltou ainda que, somente no ano passado, o setor de telecomunicações arrecadou R$ 60 bilhões em tributos, o que corresponde a 43% da receita das empresas. Só de ICMS foram R$ 33 bilhões. "Isso nos coloca como líderes mundiais em arrecadação", afirmou Garcia.

Para o presidente da Embratel, José Formoso, a alta carga tributária é um dos principais desafios para a expansão dos serviços, especialmente em localidades mais carentes, com predominância de população de baixa renda. "Precisamos ter um plano diferente para onde não há serviços e ajudar a levar inclusão a essas cidades", afirmou, acrescentando que é necessário criar incentivos para que a operação nesses locais seja sustentável.

O advogado André Mendes Moreira disse que os fundos faziam sentido quando foram criados, com objetivo de universalizar e desenvolver o setor. Ressaltou que as prestadoras fizeram seu dever de casa, mas que continuam obrigadas a pagar uma contribuição para fazer o que elas já fizeram, lembrando que o setor de telecomunicações já investiu meio trilhão de reais para desenvolver a infraestrutura brasileira, hoje entre as maiores do mundo.

"Hoje faz sentido manter essa incidência sobre operadoras que são as que mais investem e investiram no desenvolvimento do setor?", questionou. Segundo ele, seria mais razoável cobrar essa contribuição das empresas conhecidas como OTTs, que se utilizam das redes. Ele fez uma analogia com o setor de transporte e disse que a manutenção da cobrança do Fust e do Fistel é equivalente a cobrar pedágio de quem tem a concessão da rodovia e faz melhorias na estrada em vez de cobrar de quem a utiliza.

Modelo regulatório – No segundo painel do dia, sobre a "Perspectiva de evolução do modelo regulatório em vigor", executivos das empresas defenderam a revisão do modelo. O presidente da Oi, Bayard Gontijo, disse que essa revisão é urgente e deve ser feita de forma imediata. Segundo ele, as obrigações criadas em 1998 são obsoletas e não servem mais à sociedade. Segundo ele, esse é um jogo em que todos estão perdendo. "É fundamental esse debate, em curto prazo, para que tenhamos uma situação de ganha ganha, rever as regras para adaptar à realidade do mercado".

O advogado Floriano de Azevedo Marques, que foi o palestrante do painel, reforçou a ideia de que é necessário criar um ambiente regulatório que estimule o investimento, mas acredita que as mudanças podem ser na regulamentação e não na legislação. Já o presidente da Anatel, João Rezende, reconheceu a necessidade de se promover modificação nos modelos de negócios, especialmente o de concessões, e disse entender que o ambiente político mais adequado para fazer essa alteração seja o Congresso Nacional.

O presidente da Telefônica/Vivo, Amos Genish, também foi enfático na necessidade de revisão do modelo. "Precisamos mudar esse modelo, que é antigo e ultrapassado", afirmou ele, defendendo mudanças radicais. Genish citou como exemplo as obrigações de qualidade baseadas em um modelo de voz. "Recebemos multas de bilhões de reais para um serviço considerado irrelevante", afirmou referindo-se ao orelhão. O presidente da Telefônica/Vivo ressaltou a necessidade de se estabelecer regras iguais para serviços iguais, como ligações feitas por meio de aplicativos.

O assunto voltou a ser abordado no terceiro painel do dia pelo presidente da TIM, Rodrigo Abreu, que avaliou que a discussão da regulamentação do uso da internet não está dissociada da discussão do marco legal da infraestrutura. "Ao longo do tempo essas questões se tornaram mais complexas, o que precisa ser discutido e regulado. Está de forma muito assimétrica", afirmou.

O presidente da Claro, Carlos Zenteno, também defendeu a redução da carga tributária como um dos fatores necessários para expandir os serviços de telecomunicações, especialmente os de banda larga, para as localidades mais isoladas. "Precisamos ter políticas públicas adequadas", afirmou, citando o uso dos fundos setoriais. "Vivemos um momento difícil, de desaceleração do consumo e da economia, aumento de insumos como energia elétrica, aumento de inadimplência e a extremamente alta carga tributária", afirmou. Zenteno defendeu ainda a neutralidade tecnológica para esta expansão, como o uso de tecnologias móveis para locais com muitos obstáculos para o uso de fibras.

As principais empresas prestadoras de serviços e da indústria de telecomunicações associadas à Telebrasil construíram juntos e apresentaram no 59º Painel Telebrasil a "Agenda Temática Pró-Desenvolvimento", com as principais sugestões e demandas das telecomunicações para a garantia de um ambiente atrativo aos investimentos e para o desenvolvimento sustentável com inclusão social.

02/09/2015 - Rede Brasil Atual

'Ninguém fez mais pela democracia do que nós', diz Lula

Ao participar de lançamento de memorial, ex-presidente diz que celebrar e lembrar a democracia é lutar para manter direitos, e que PT e CUT devem voltar às ruas e usar camisas vermelhas outra vez

"Nós temos defeitos, mas ninguém fez mais pela democracia do que nós, na história deste país", disse o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, ao encerrar o lançamento do Memorial da Democracia, na noite desta terça-feira (1º). O evento foi realizado na sede do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, em São Bernardo, no ABc paulista, e reuniu lideranças políticas, sindicais e de movimentos sociais em torno da plataforma multimídia que conta a história das lutas populares do país.

Ao comentar a conjuntura política e as frequentes manifestações contra o governo Dilma, Lula disse que é preciso saber concretamente o que tá acontecendo. "Por que as pessoas estão se manifestando? Primeiro, esse é um direito legítimo. Lembro que Dilma e eu, em campanha, dizíamos que a democracia não é um pacto de silêncio, é a sociedade em movimento, à procura de mais direitos. Aqui todo mundo já xingou alguém e já carregou uma faixa contra alguém", disse sendo muito aplaudido pela plateia.

O ex-presidente disse esperar que outros partidos queiram disputar com o PT mais democracia, mais participação popular, em vez de reivindicar e promover ataques ao estado democrático de direito e às liberdades constitucionais. "Nada é mais sagrado do que a liberdade, e falar de democracia é questão de sobrevivência. Estamos vivendo um momento delicado, o momento da irracionalidade emocional da sociedade brasileira", disse Lula.

Ele lembrou que o PT sempre foi um partido que foi para as ruas lutar por melhores condições de vida para a classe trabalhadora. "Mas hoje parece que tem um viés, uma coisa deformante, porque sempre que a gente ia pra rua era pra pedir liberdade e agora tem gente indo pra rua pedir o fim da democracia, e com esses nós temos de pelear, de debater."

Lula reafirmou as razões que considera serem as principais causadoras da atual tensão da cena política do país. "Nós cansamos de ir pras ruas pedir aumento do salário mínimo e agora tem gente indo pras ruas contra o aumento. Nós fomos pras ruas pelas cotas pro povo negro, e tem gente indo pras ruas pra derrubar as cotas e pedir prisão pra garoto. Fomos defender o direito do povo pobre ir pra universidade, e tem gente indo contra. E, isso, porque estão ocupando um espaço que era deles", destacou.

Ao fim, Lula dirigiu-se diretamente à militância que acompanhou o lançamento do memorial, presencial e virtualmente, chamando-a novamente para ocupar espaços e voltar a incluir o debate político no dia a dia. "Precisamos ter coragem nós, do PT e da CUT, de andar com nossas camisas vermelhas outra vez. Um partido grande como o PT corre o risco de cometer erros, mas o PT nasceu pra mudar a história deste país, pra mudar o jeito de fazer política, de governar a cidade, o estado, a nação."

Presenças

Em sua participação no lançamento do Memorial da Democracia, Paulo Okamoto, presidente do Instituto Lula, exaltou a figura do ex-presidente. "Posso dar um testemunho: no mundo político há poucas pessoas democráticas como Lula", disse, arrancando aplausos. "Quem militou do lado dele cresceu, pôde ser o que quisesse ser. Eu cheguei a ser presidente do instituto porque é prática dele fazer crescer as pessoas, e isso é algo que temos de resgatar em todas as instâncias em que participamos."

Okamoto disse que vai trabalhar para construir o memorial presencial. "Infelizmente, nosso país tem pouca memória. Eu fico imaginando se a gente pudesse fazer com que as pessoas sentissem o cheiro do gás lacrimogêneo, ouvir o barulho do helicóptero, isso levaria a juventude a pensar o que é a democracia, que não é apenas o processo eleitoral, poder votar", disse em referência às lutas do movimento sindical no ABC paulista.

"Eu tinha 20 e poucos anos quando militei trazido por Lula para o movimento sindical. Muita coisa aprendi aqui, aprendi que democracia é ter liberdade, é a verdade, justiça, oportunidade para todos, tolerância, combater a corrupção, porque tudo isso, se não for compreendido pelo povo, não teremos uma pátria democrática", completou.

A historiadora Heloísa Starling disse que o memorial conta uma história da longa jornada de lutas do povo brasileiro. "Contar é narrar a história e enumerar os fatos. O memorial propõe uma reflexão sobre os fatos do passado. Acredito que haja interesse grande na nossa história, e isso acontece por várias razões: a história é dinâmica e paradoxal, escravagista, insurgente, cruel e generosa."

A professora disse ainda que os brasileiros também estão descobrindo que a história está ao alcance de todos. "Nós somos o que somos hoje porque fomos o que fomos no passado, que insiste em se representar. Por isso, o memorial tem ambição de recordar." Ela destaca que a ideia do memorial é "chamar de volta ao coração dos brasileiros aquilo que é, foi e será parte da historia".

Carina Vitral, presidenta da UNE, disse que contar a história da democracia é também contar a história da UNE e lembrar de uma geração que lutou para mudar a vida das pessoas e que lutou no período que antecedeu o golpe de 64 pelas reformas de base. "Essa luta foi interrompida, é uma geração em que vários líderes estudantis pagaram com suas vidas, foram presos, torturados, mortos e desaparecidos. Em nome dessas pessoas seguimos a luta da UNE para continuar mudando o país."

Leia mais em:
http://fndc.org.br/clipping/ninguem-fez-mais-pela-democracia-do-que-nos-diz-lula-943708/

SINTTEL·ES

Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Telecomunicações e Operadoras de Mesas Telefônicas no Estado do Espírito Santo

FENATTEL CUT Brasil

Resumo de Notícias

Produção: T&T Comunicação | Jornalistas: Tânia Trento e Marilda Rocha | Tel. (27) 3084-5666 - 99647-7731

02/09/2015 - Altamiro Borges

Estadão doou para Aécio. Cadê a grana?

E ainda tem gente que acredita na imparcialidade da chamada grande imprensa. Na análise das contas de campanha do cambaleante Aécio Neves, a relatora do processo, ministra Maria Thereza de Assis Moura, do Tribunal Superior Eleitoral, apontou 15 suspeitas de graves irregularidades. Entre elas, três doações feitas pela famiglia Mesquita, dona do decadente jornal Estadão, ao candidato derrotado do PSDB. Uma delas foi emitida no valor de R$ 52,885,30 e outras duas de R$ 52.982,00. O pior é que nenhuma destas doações foi declarada no TSE, o que caracteriza crime eleitoral. Cadê a grana Aécio?

Segundo matéria do jornalista André Richter, da Agência Brasil, "a ministra Maria Thereza de Assis Moura, do TSE, pediu esclarecimentos sobre inconsistências encontradas na prestação de contas do senador Aécio Neves (PSDB/MG), candidato derrotado nas eleições presidenciais de 2014. As contas da campanha presidencial do parlamentar ainda não foram julgadas pela Justiça Eleitoral, que continua analisando os documentos contábeis apresentados. A decisão da ministra é do dia 14 de agosto, mas os detalhes sobre as divergências foram divulgados somente na segunda-feira, dia 31/8".

A descoberta das irregularidades nas contas de campanha de Aécio Neves não causou alarde na mídia - não viraram manchetes nos jornalões, capas dramáticas nas revistonas ou comentários hidrófobos nas emissoras de rádio e tevê. Pelo contrário. A chamada opinião pública pensa que apenas as contas de campanha de Dilma estão sob averiguação. O grau de desinformação é explicável. Afinal, a mídia fez de tudo para derrotar a candidata petista - e só lembrar os interrogatórios travestidos de entrevista no Jornal Nacional, da TV Globo, ou a capa criminosa da "Veja" na véspera do segundo turno.

Na análise das contas, os técnicos do TSE descobriram que a empreiteira Odebrecht, investigada na midiática Operação Lava-Jato, fez uma doação de R$ 2 milhões para Aécio Neves. O registro desta transferência milionária também não consta da prestação de contas do tucano. "Segundo os auditores, a campanha deixou de declarar R$ 3,9 milhões em recebimentos estimáveis. O valor foi declarado somente na prestação de contas final. Também houve divergência nos serviços jurídicos prestados pelos escritórios dos ex-ministros Carlos Ayres Britto e Carlos Velloso" - o que confirma as intimas relações do tucanato com alguns figurões do Supremo Tribunal Federal (STF).

Apesar da gravidade destas descobertas, elas não foram destaque na mídia venal. E agora se descobre que, além da manipulação descarada, parte da chamada grande imprensa financiou a campanha de Aécio Neves. "No cruzamento dos dados de informações prestadas por doadores e candidatos, o TSE encontrou diversas omissões de despesas de serviços prestados. Entre as empresas está a S/A Estado de São Paulo. De acordo com o TSE, constam três notas fiscais no CNPJ da empresa jornalística. Uma delas foi emitida no valor de R$ 52,885,30 e duas de R$ 52.982,00", descreve André Richter.

SINTTEL·ES

Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Telecomunicações e Operadoras de Mesas Telefônicas no Estado do Espírito Santo

FENATTEL CUT Brasil

Resumo de Notícias

Produção: T&T Comunicação | Jornalistas: Tânia Trento e Marilda Rocha | Tel. (27) 3084-5666 - 99647-7731

02/09/2015 - Carta Maior

Aécio é o 'pai adotivo' do advogado que ameaçou cortar a cabeça de Dilma

Desde o começo ele insuflou os antipetistas, os antibolivarianos, os anticomunistas e os idiotas em geral com a mentira de que as eleições foram roubadas.

Sabe aquele sujeito que enche as pessoas de cachaça numa festa e depois reclama que elas se comportaram como bêbabas?

É Aécio falando do advogado desvairado que gravou um vídeo no qual ameaça Dilma de morte.

Desde que perdeu as eleições Aécio vem distribuindo cachaça a analfabetos políticos e desvairados em geral com sua patética inconformidade em aceitar que foi batido nas urnas.

E agora mostra espanto, finge indignação?

O envenenamento do ambiente político pós-eleições, a divisão crescentemente explosiva entre brasileiros – tudo isso deve muito a Aécio com seu comportamento de Presidente de Manicômio.

Desde o começo ele insuflou os antipetistas, os antibolivarianos, os anticomunistas e os idiotas em geral com a mentira de que as eleições foram roubadas.

Até as urnas eletrônicas foram colocadas em questão.

É cachaça e mais cachaça para a tigrada, e agora Aécio se surpreende com o vídeo criminoso de um filiado do PSDB?

Mesmo o moderado Alckmin, que concedeu chamar Dilma de "presidenta", deu agora para falar que o PT é uma "praga". Isso foi repercutir do blogueiro da Globo Noblat, que num de seus frequentes momentos de desvario patronal escreveu que é preciso jogar "pesticida" no governo.

Aécio herdou o sobrenome, mas não a maior virtude de seu avô Tancredo, um conciliador de enorme talento.

Já caminhando para os 60 anos, fato que procura disfarçar com botox, implante de cabelo e embranquecimento de dentes, age como um adolescente irresponsável, com a cumplicidade sinistra do octogenário FHC.

Quer ser presidente?

Faça algo que nunca fez: vá trabalhar. Percorra o Brasil, os rincões nacionais, e não só as praias e bares cariocas. Mostre aos eleitores humildes, os 99%, que pode melhorar sua vida e, com isso, reduzir a vergonhosa desigualdade social que enlameia o Brasil.

Talvez obtenha votos.

Mas em vez disso ele dá cachaça à turma numa festa de desequibrados, e depois parece surpreender-se com o fato de que os bêbados agem como bêbados.